a órfã perdida

stacey halls

Tradução de Nanci Marcelino

SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

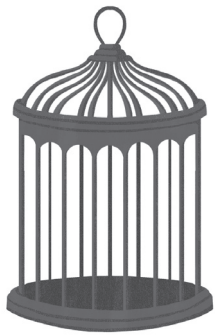
Para os meus pais, Eileen e Stuart

«*Ando por aí com lanternas, à procura de mim mesma.*»
Emily Dickinson

LAMB'S CONDUIT FIELDS
HOSPITAL DOS EXPOSTOS
QUEEN SQUARE
QUEEN SQUARE
GREAT ORMOND STREET
DEVONSHIRE STREET
GRAY'S INN COURT
HIGH HOLBOURN
LINCOLN'S INN FIELDS
CHANCERY LANE
1/2 MILHA
1/2 KM

Londres Georgiana, 1746
Prisão de Fleet
Black and White Court
Fleet Street
Ludgate Hill
St. Paul

PRIMEIRA PARTE



BESS

Finais de novembro de 1747

CAPÍTULO 1

Todos os bebés estavam embrulhados que nem prendas prontas a serem oferecidas. Ao contrário das suas mães, alguns estavam bem vestidos, com blusinhas minúsculas bordadas e xailes grossos, pois já chegara o inverno e a noite trazia um frio mordaz. Eu envolvera a Clara num cobertor velho que esperava há anos para ser cerzido e que agora nunca mais o seria. Estávamos amontoados em torno das colunas da entrada, éramos mais ou menos trinta, quais traças sob tochas que ardiam nos respetivos suportes, com os nossos corações a bater que nem asas de papel. Nunca me passara pela cabeça que um hospital para crianças abandonadas fosse um palácio, com centenas de janelas a brilhar e uma praça onde as carruagens podiam dar a volta. De cada lado de um pátio, unidos ao centro por uma capela, erguiam-se dois edifícios compridos e grandiosos. Na extremidade a norte da ala oeste a porta estava aberta, a lançar luz sobre o pavimento de pedra. O portão parecia ter ficado bem lá para trás. Algumas de nós sairiam dali de braços vazios; algumas voltariam a levar as crianças para o frio. Por isso, não conseguíamos olhar umas para as outras e mantínhamos os olhos presos ao chão.

A Clara agarrava o meu dedo com força, que encaixava na perfeição na minúscula palma da mãozinha dela que nem uma chave numa fechadura. Imaginei-a à procura dele mais tarde, com a mãozinha a encerrar ar rarefeito. Abracei-a com mais força. O meu pai, a quem eu e o meu irmão chamávamos Abe, porque fora assim que a nossa mãe lhe chamara, estava um pouco atrás de mim, com o rosto na penumbra. Ele não pegara na bebé ao colo. No início do dia, a parteira, uma mulher grande de um quarteirão vizinho, que era tão em conta quanto discreta, oferecera-lhe a menina para que a pegasse ao colo enquanto eu estava encalhada na cama, a tremer com

dores, e ele abanou a cabeça, como se ela fosse uma vendedora a estender-lhe um pêssego.

Fomos conduzidos para o interior por um homem magro com peruca e pernas esguias como canas, e atravessámos um *hall* de entrada como nenhum outro em que alguma vez estivera. Por todo o lado as superfícies reluziam, desde o corrimão de nogueira até ao relógio de pé alto polido. O único barulho que se ouvia era o frufru das nossas saias e os nossos sapatos sobre a pedra — um pequeno rebanho de mulheres inchadas de leite, com os seus bezerros ao colo. Era um sítio para vozes delicadas e silenciosas, não para as de vendedoras ambulantes como a minha.

A nossa procissãozinha avançou pela carpete *bordeaux* das escadas acima, chegando a uma sala de teto alto. Só uma saia e um bebé enfaixado podiam passar para lá da porta de cada vez, por isso alinhámo-nos no lado de fora, que nem senhoras num baile. A mulher à minha frente tinha pele morena e o cabelo preto dela encaracolava-se sob a touca. O bebé dela estava inquieto, a fazer mais barulho do que os outros, e ela embalava-o com o ar inexperiente que todas tínhamos. Perguntei-me quantas teriam as suas próprias mães para lhes mostrarem como enfaixar os bebés, como amamentá-los. Naquele dia, pensara na minha cinquenta vezes, mais do que naquele último ano. Costumava senti-la no ranger das tábuas do soalho e no aconchego da cama, mas agora isso já não acontecia.

A sala em que entrámos estava forrada a papel verde, com um elegante estuque branco aplicado abaixo do teto. Não havia chamas na lareira, mas a sala estava quente e iluminada com bastante claridade, com candeeiros brilhantes e quadros emoldurados a ouro nas paredes. Um lustre tiritava no centro. Era a sala mais requintada em que alguma vez entrara e estava apinhada de gente. Pensava que poderíamos estar sozinhos, talvez com uma frota de amas que levavam os bebés que aqui ficariam, mas uma vintena de rostos formava uma linha junto às paredes — maioritariamente mulheres, que, sem dúvida alguma, não eram amas, a abanarem os leques e com sorrisos estranhos. Estavam todas muito bem vestidas e eram agradáveis à vista, e tinham todas muito interesse em nós. Até podiam ter saído de dentro dos quadros pendurados nas paredes; os pescoços delas exibiam joias e as saias rodadas eram vívidas como tulipas. O cabelo delas estava apanhado no cimo das cabeças e toldado de pó. Também havia meia dúzia de homens por ali espalhados, com cintos prateados e pançudos — não eram como o Abe, com o seu casaco coçado que nem um saco de comida para cavalo. Os homens tinham um aspeto mais austero e

muitos deles estavam a olhar para a mulata como se ela estivesse à venda. Tinham copinhos nas mãos enluvadas e apercebi-me de que, para eles, isto era uma festa.

Eu continuava a sangrar. A Clara nascera antes da aurora daquela manhã e eu sentia-me como se cada pedaço de mim estivesse dilacerado. Ainda não era mãe dela há um dia, mas conhecia-a tão bem quanto a mim mesma: o cheiro dela, o pequenino tamborilar do coração dela que batera dentro de mim. Mesmo antes de ser puxada para fora de mim, toda vermelha e a guinchar, já eu sabia qual seria a sensação de a ter nos meus braços e do quão pesada seria. Desejei que ficassem com ela e desejei que não ficassem. Pensei no rosto enrugado do Abe, de olhos postos no chão, nas suas mãos calosas a segurarem na porta para eu passar. Era o único pai naquela sala. A maior parte das outras mulheres estava sozinha, mas outras tinham levado amigas, irmãs, mães, que assistiam a tudo destroçadas. O Abe não me olhava nos olhos e não dissera grande coisa ao longo da nossa caminhada lenta e triste desde Black and White Court, onde vivíamos na cidade, mas o facto de ali estar era tão bom quanto uma mão no meu ombro. Quando pegou no casaco em casa e disse que estava na hora de irmos, quase chorei de alívio, pensara que não viria comigo.

Caiu um silêncio súbito na sala quando um homem que estava de pé à frente da enorme lareira começou a falar. A voz dele era tão rica e densa quanto as carpetes. Fitei o lustre enquanto nos explicava como era feito o sorteio: que uma bola branca permitia a admissão de uma criança, uma bola preta não, e uma vermelha significava que tínhamos de esperar para saber se uma criança admitida passava ou não no exame médico. Usei toda a minha energia para prestar atenção.

— Há vinte bolas brancas — estava o homem a dizer —, cinco vermelhas e dez pretas.

Mudei a Clara de posição junto ao meu peito. Os fidalgos nas extremidades da sala estavam agora a olhar para nós de uma forma mais atrevida, a imaginar quais de nós teriam sorte, quais de nós teriam de deixar os nossos bebés na rua, onde acabariam por morrer. Quais de nós eram solteiras. Quais eram prostitutas. Uma ama começou a percorrer a sala com um saco de pano, do qual devíamos tirar uma bolinha. Quando chegou ao pé de mim, o meu coração estava a bater como se andasse de botas com um passo pesado pelo meu peito, e mantive os olhos fixos no olhar de indiferença dela, enquanto passava a Clara para um braço e inseria a mão no saco. As bolas eram macias e frias como ovos e encerrei uma no meu punho,

tentando sentir a cor dela. A ama agitou o saco com impaciência e algo me disse para largar aquela bola e pegar noutra. Por isso, foi o que fiz.

— Quem são as pessoas que estão a observar? — perguntei-lhe.

— Foram convidadas — foi a resposta aborrecida. Cerrei a mão em torno de outra bola, larguei-a e ela voltou a agitar o saco.

— Para quê? — perguntei baixinho, ciente dos muitos pares de olhos pousados em mim. Pensei nos filhos e filhas deles nas suas grandiosas mansões em Belgravia e Mayfair, deitados sob cobertores quentes, penteados e lavados e com as barriguinhas cheias de leite. Esta noite, talvez ainda fossem fazer uma visita ao quarto das crianças antes de irem para a cama, tendo ficado sentimentais perante a nossa situação difícil, e depositar-lhes um beijo nas faces adormecidas. Uma mulher estava especada a olhar, como se desejasse que me saísse uma certa cor. Era grande e tinha um leque numa mão e um copinho na outra. Tinha uma pena azul no cabelo.

— São benfeitores — foi a única coisa que a ama disse, e como achei que não podia perguntar mais nada, e ciente de que tinha de escolher uma bola, fixei-me noutra, pesando-a na palma da mão. Retirei-a de dentro do saco e a sala ficou em silêncio.

A bola era vermelha. Eu teria de ficar à espera.

A ama passou para a mulher seguinte, enquanto o resto observava o percurso dela pela sala, de maxilares cerrados, traços de ansiedade, enquanto tentavam descobrir o que tinha saído e o que sobrava. À entrada, no portão, fora-nos dito que os nossos bebés tinham de ter, no máximo, dois meses e tinham de estar de boa saúde. Muitos deles estavam débeis, coisinhas famintas que as mães tinham tentado amamentar. Alguns com, pelo menos, seis meses, estavam enfaixados com tanta força para parecerem mais pequenos que gritavam de desconforto. A Clara era a mais pequena de todos e a mais nova. Os olhos dela estavam fechados desde que tínhamos chegado. Se estes fossem os últimos instantes que passaria comigo, ela não o saberia. Eu só tinha vontade de me aninhar com ela na cama que nem um gato e dormir e voltar só passado um mês. Pensei na vergonha silenciosa do Abe. Os nossos aposentos em Black and White Court estavam carregados dela, e ela manchava tudo que nem fumo de carvão e apodrecia as vigas. Pensei em levá-la para Billingsgate, em sentá-la na bancada do meu pai como uma figura de proa em miniatura na frente de um navio. Uma sereia, encontrada no mar e posta em exibição para todos verem na bancada do camarão do Abraham Bright. Por breves instantes, imaginei-me a levá-la a apregoar pelas ruas comigo, amarrada ao meu peito, de modo

a ter as mãos livres para retirar camarão do meu chapéu. Já vira algumas vendedoras ambulantes com os bebés atados na parte da frente do tronco, mas o que é que acontecia quando deixavam de ter o tamanho de um pão de forma? Quando passavam a ser coisinhas gorduchas com punhos e pés e bocas vazias e esfomeadas? Uma mulher desatou num pranto, com uma bola preta cerrada no punho. Os rostos dela e do seu bebé tinham a mesma máscara triste de desespero.

— Não posso ficar com ele — implorou. — Tendes de ficar com ele, por favor.

Enquanto os funcionários a acalmavam e o resto de nós desviava o olhar a bem da dignidade dela, bocejei de forma tão vigorosa que achei que a minha cara se partiria. Não dormira mais do que uma hora desde há duas noites, quando a Clara dera início ao trabalho de parto. Esta manhã, o Ned sentara-se com a bebé ao colo à frente da lareira para eu poder fechar os olhos, mas estava com tantas dores que não consegui dormir. Agora, ainda me doía o corpo todo e tinha de ir trabalhar de manhã. Esta noite não podia caminhar de volta para casa com a Clara nos meus braços. Não era possível. Mas também não conseguia deixá-la numa soleira qualquer à disposição das ratazanas. Quando era pequena, vira um bebé morto junto a um monte de excrementos à beira da estrada e sonhara com ele durante meses.

A iluminação da sala era muito forte e eu estava muito cansada e, de repente, apercebi-me de que estava a ser conduzida para uma salinha num dos lados e que me diziam para me sentar e esperar. O Abe seguiu-me e fechou a porta atrás de si, não deixando assim entrar os soluços de choro e o tilintar de copos de xerez. Ansiei por um copo de leite morno ou um pouco de cerveja; não sabia como manter-me acordada.

Uma ama apareceu vinda do nada e tirou a Clara dos meus braços, mas eu não estava pronta, e era demasiado cedo, demasiado súbito. Ela estava a dizer-me que havia espaço para ela, porque uma senhora tinha trazido uma criança de, pelo menos, seis meses, o que já era uma idade demasiado avançada, e será que ela pensava que eles não conseguiam distinguir entre um bebé de dois meses e um de seis? Pensei na mulher e no bebé dela, e imaginei futilmente o que lhes aconteceria, mas depois afastei aquele pensamento. A touca pregueada da ama voltou a desaparecer para lá da porta e eu senti-me delirante, demasiado leve sem a Clara nos meus braços, como se pudesse ser derrubada por uma pena.

— Ela ainda não tem um dia — gritei à ama, mas ela já se tinha ido embora. Ouvi o Abe a mudar de posição atrás de mim e o chão rangeu.

Um homem estava agora sentado à minha frente, a escrever numa ficha com uma pena grossa, e obriguei os olhos a abrirem, e os ouvidos também, porque ele estava a falar.

— O médico está a examiná-la para ver se apresenta sinais de algum padecimento…

Descolei os lábios.

— Ela nasceu às quatro e um quarto desta madrugada.

— Se demonstrar qualquer indício de doença, não vai ser admitida. Vai ser examinada relativamente a doenças venéreas, escrófula, lepra e infeções.

Fiquei sentada num silêncio estupefacto.

— Quer deixar um sinal de exposto com o memorando? — O escrivão lá acabou por olhar para mim e os olhos dele eram escuros e solenes, em conflito com as sobrancelhas, que lhe germinavam da cabeça de uma maneira bastante cómica.

Um sinal: sim. Para isto já estava preparada, já ouvira dizer como os bebés eram registados com um identificador, deixado pela mãe. Procurei no bolso e tirei de lá o meu, pousando-o sobre a secretária polida entre nós. O meu irmão Ned falara-me sobre o Hospital dos Expostos, um hospital para bebés enjeitados, nos arredores da cidade. Ele conhecia uma rapariga que deixara o bebé lá e cortara um quadrado da saia dela para deixar com o bebé.

— Então e se não deixares nada e voltares lá? — perguntei-lhe. — Podem dar-te o bebé errado? — Ele sorrira e respondera talvez, mas, só de pensar naquilo, ficara arrepiada. Imaginei uma sala com pilhas altas de sinais e o meu a ser atirado para cima de um monte deles. O homem pegou nele entre o indicador e o polegar e analisou-o com o sobrolho carregado.

— É um coração, feito de barba de baleia. Quer dizer, metade de um coração. O pai dela tinha a outra metade. — Corei com uma intensidade brutal, ficando com as orelhas escarlates, ciente de que o Abe ainda estava de pé atrás de mim, em silêncio. Havia uma cadeira ao lado da minha, mas ele não se sentara nela. Até agora ele ainda não tinha ouvido nada sobre o sinal. Do tamanho de uma coroa, eu tinha o lado direito do coração, liso num lado e entalhado no outro. Nele fora gravado um «B» e, por baixo deste, de um modo mais tosco, um «C», de Bess e Clara.

— Para que vai usá-lo? — indaguei.

— Vai ser feito um registo, caso pretenda vir buscá-la de volta. O

número dela vai ficar anotado no livro de entrada como o 627, com a data e uma descrição do sinal de exposto. — Mergulhou a pena na tinta e começou a escrever.

— Vai escrever aí que é uma metade de um coração, não vai? — disse eu, a ver as palavras a serem derramadas da pena dele, mas sem as compreender. — Para o caso de haver um inteiro e de se misturarem.

— Vou escrever que é uma metade de um coração — respondeu, sem ser indelicado.

Eu continuava sem saber onde estava a minha bebé, ou se voltaria a vê-la antes de me ir embora. Estava com medo de perguntar.

— Virei buscá-la, quando ela for mais velha — anunciei, porque dizer aquilo em voz alta tornava-o verdade. Atrás de mim, o Abe fungou e as tábuas do chão rangeram. Ainda não tínhamos falado sobre isto, mas eu tinha a certeza. Endireitei a saia. Listrada de lama e chuva, no dia em que era lavada tinha o tom de um estanho leitoso de uma concha de ostra e no resto do mês era de um cinzento sujo de uma rua calcetada.

A ama apareceu na entrada e acenou com a cabeça. Vinha de braços a abanar.

— Ela está em condições para ser admitida.

— O nome dela é Clara — disse eu, a sentir-me dominada por uma sensação de alívio.

Há alguns meses, quando a minha barriga estava pequena, numa das ruas mais distintas perto de St. Paul, onde as casas da cidade se erguiam até ao céu e se acotovelavam por espaço com todos os impressores e livreiros, vira uma mulher elegante com um vestido azul-escuro, a brilhar como uma joia. O cabelo dela era dourado e reluzente e um braço rosado e roliço pegava numa mãozinha que pertencia a uma criança com uns caracóis amarelos iguais aos seus. Observei-a a puxar a mão da mãe e a mulher parou e baixou-se, sem se importar se as saias estavam a roçar no chão, e encostou o ouvido aos lábios da menina. Um sorriso espalhou-se de repente por todo o seu rosto. «Clara, és tão engraçada», dissera ela e voltou a pegar na mão da filha. Elas passaram por mim e eu esfreguei a minha barriga em crescimento e decidi que, se tivesse uma menina, chamar-lhe-ia Clara, porque assim, de certo modo, eu seria como aquela mulher.

O homem permaneceu impassível.

— Na altura própria, ela vai ser batizada e receberá um nome novo.

Então, seria Clara para mim e mais ninguém. Nem sequer para si mesma. Fiquei sentada de costas direitas, a abrir e a fechar os punhos com força.

— E, se o nome dela mudar, como é que sabereis quem ela é, quando eu voltar?

— Ao chegarem, todas as crianças recebem uma pulseira de chumbo com um número que remete para os registos de identificação de cada uma.

— 627. Vou lembrar-me.

Olhou para mim com atenção e as sobrancelhas dele enrugaram-se com uma expressão austera.

— Se as suas circunstâncias mudarem e quiser, realmente, vir buscar a sua filha, terá em dívida as despesas dos cuidados que lhe serão prestados.

Engoli em seco.

— O que significa isso?

— As despesas que o hospital tiver tido para cuidar dela.

Assenti com a cabeça. Não fazia ideia de que tipo de custos seriam, mas não me senti à vontade para perguntar. Fiquei à espera. O bico da pena riscava e, algures na sala, um relógio fazia tiquetaque com resignação. A tinta era da mesma cor do céu noturno na janela atrás dele, as cortinas não tinham sido fechadas. A pena dançava como se fosse uma criatura exótica estranha. Lembrei-me da mulher grande lá fora, a que tinha a pena azul no cabelo, e de como ela ficara a olhar.

— As pessoas na sala — disse eu. — Quem são?

Sem erguer o olhar, respondeu:

— As mulheres dos diretores e amigos. A noite de lotaria angaria fundos para o hospital.

— Mas têm de ficar a ver os bebés a serem entregues? — perguntei. Percebi que a minha voz não soou bem; fê-lo suspirar.

— As mulheres ficam muito comovidas com isso. Quanto mais comovidas ficam, mais donativos são feitos. — Observei-o a chegar ao fim do documento e a assiná-lo com um floreio. Depois recostou-se para deixá-lo secar.

— O que vai acontecer-lhe quando eu me for embora?

— Todas as novas admissões são levadas para viver no campo, onde serão criadas por uma ama de leite. Regressam à cidade quando tiverem por volta de cinco anos e ficam a viver no Hospital dos Expostos até estarem prontas para trabalhar.

— Trabalham em quê?

— Preparamos as raparigas para servirem e ensinamo-las a tricotar, fiar, fazer arranjos de costura, atividades domésticas que as tornem atrativas para os empregadores. Os rapazes trabalham nas cordoarias, a fazerem redes de pesca e fios de vela, para os prepararmos para a vida naval.

— Onde é que a Clara vai ser criada? Em que sítio do campo?

— Isso depende de onde houver lugar para ela. Tanto pode ficar perto, por exemplo em Hackney, como longe, em Berkshire. Não temos autorização para revelar onde é que ela vai ser colocada.

— Posso despedir-me dela?

O escrivão dobrou o papel à volta do coração de barba de baleia, mas não o selou.

— O melhor é evitar sentimentalismos. Tenha uma boa noite, menina, e o senhor também.

O Abe aproximou-se de mim e ajudou-me a levantar da cadeira.

O Hospital dos Expostos ficava no limite de Londres, onde praças agradáveis e casas altas davam lugar a estradas abertas e campos que se estendiam sombriamente até perder de vista. Ficava só a um quilómetro e meio de Black and White Court, onde vivíamos à sombra da Prisão de Fleet, mas até podia muito bem ter sido a duzentos quilómetros, com as quintas e as vacas a norte e as estradas largas e as moradias a sul. Os becos e vielas a que eu estava habituada eram abafados por fumo de carvão, mas aqui havia estrelas e o céu era como uma grande cortina de veludo que cobria tudo em silêncio. A Lua pálida iluminava as poucas carruagens que restavam dos convidados abastados que tinham estado a ver-nos a entregar os nossos filhos. Saciados com o entretenimento da noite, agora já estavam em casa, na cama.

— Hás de querer alguma coisa para comer, Bessie — disse o Abe, enquanto caminhávamos devagar em direção ao portão. Era a primeira vez que ele falava desde que chegáramos. Como não respondi, ele disse: — O Bill Farrow ainda pode ter algumas empadas de carne.

Vi-o a caminhar com dificuldade à minha frente e reparei nos ombros caídos de derrota e como se movia de uma forma hirta. O cabelo que se derramava sob a boina mudara da cor da ferrugem para a do ferro. Agora fitava os cais com um olhar vesgo, e os rapazes mais novos tinham de lhe indicar os barcos de Leigh que traziam o camarão de entre as centenas que se aglomeravam na água. Há trinta anos que o meu pai vendia camarão numa bancada do mercado de peixe de Londres. Vendia-o ao cesto a vendedores de fruta e hortaliça e a intermediários do mercado, a vendedores ambulantes e peixeiras, lado a lado com outros duzentos vendedores de camarão, das cinco da manhã até às três da tarde, seis dias por semana. Todos os dias, eu levava um cesto até à casa das caldeiras no fim da Oyster

Row e depois, carregando-o sobre a cabeça, vendia-o pelas ruas. Não vendíamos bacalhau, não vendíamos cavala, arenque, badejo, sardinha, petinga. Não vendíamos pardelha-dos-alpes, solha, truta, patruça, salmão, sável, enguias, gobião, leucisco. Vendíamos camarão, às centenas, milhares, todos os dias, a dobrar. Havia muito mais peixe com melhor aspeto, mais fácil de vender: salmão-prateado, caranguejos rosados, rodovalho nacarado. Mas era assim que ganhávamos o nosso sustento, pagávamos a nossa renda, com o mais feio de todos, com o aspeto que tinham que nem criaturas por nascer, arrancadas do ventre de um inseto gigante, com olhos pretos cegos e patinhas enroladas. Vendíamo-los, mas não os comíamos. Demasiadas vezes sentira-lhes o mau cheiro de estarem estragados e raspara as patitas aranhiças do meu chapéu e os olhos todos colados uns aos outros que nem ovas. Como desejara que o meu pai tivesse sido vendedor no mercado de Leadenhall em vez de no de Billingsgate e eu vendedora de morangos, a cheirar que nem um prado de verão, com sumo e não salmoura a escorrer pelos meus braços abaixo.

Estávamos quase a chegar aos portões altos quando se ouviu um gato a miar ali perto. As minhas entranhas estavam vazias e doridas e só conseguia pensar numa empada e na minha cama. Não podia pensar na minha bebé e se ela teria ou não tido consolo ao acordar. Se pensasse cairia de joelhos. O gato voltou a miar e já não parou.

— É um bebé — apercebi-me em voz alta com espanto. Mas onde? Os terrenos estavam escuros e o som vinha de algures à nossa direita. Não havia mais ninguém por ali. Virei-me e vi duas mulheres a sair do edifício atrás de nós e, lá à frente, os portões estavam fechados, vigiados por uma casinha de pedra de porteiro com uma janela a cintilar de luz.

O Abe parara, a olhar comigo para a escuridão.

— É um bebé — repeti, assim que o barulho voltou a ouvir-se. Antes de tudo isto, antes de gerar a Clara e de a dar à luz, nunca reparara em bebés a chorar na rua ou aos gritos no nosso prédio. Mas, agora, era impossível ignorar qualquer ligeiro miado, como se fosse alguém a chamar o meu próprio nome. Saí do caminho e percorri a parede escura que unia os terrenos do hospital.

— Bess, onde é que vais?

Bastaram alguns passos para vê-lo: um pequeno embrulho abandonado na erva, bem encostado ao tijolo húmido, como se servisse de abrigo. Estava enfaixado como a Clara estivera, só sendo visível uma carinha enrugada e minúscula, com pele escura e madeixas finas de cabelo preto nas

têmporas. Lembrei-me da mulata. De certeza que era o bebé dela e devia ter-lhe calhado uma bola preta. Peguei no bebé e tentei calá-lo com delicadeza. O meu leite ainda não descera, mas os meus seios estavam doridos e perguntei-me se a criança estaria com fome e se deveria alimentá-la. Podia entregar o bebé ao porteiro da casinha do portão, mas será que ele o receberia? O Abe ficou boquiaberto a olhar para a trouxa que eu tinha nos meus braços.

— O que hei de fazer?

— O problema não é teu, Bessie.

Do outro lado da parede veio um barulho: pessoas a correr e a gritar, um cavalo a relinchar. Fora da cidade tudo era mais escuro e mais ruidoso, como se estivéssemos num país estranho no fim do mundo. Nunca estivera no campo, nunca saíra sequer de Londres. O bebé estava agora acomodado nos meus braços, com as suas feições minúsculas enrugadas num semblante sonolento. O Abe e eu dirigimo-nos para o portão. Na estrada por trás de nós, começavam a juntar-se pessoas e havia homens a correr com lanternas para a carruagem de duas parelhas, a tentarem acalmar os cavalos aterrorizados e a corcovear, que se tinham assustado um ao outro até entrarem em estado de pânico. Vários rostos brancos chocados estavam a olhar para o pátio e eu esgueirei-me pelo portão para me aproximar mais, ainda com o bebé ao colo. A sair de entre os varais da carruagem estavam dois pés. Vi uma saia enlameada e mãos castanhas elegantes. Ouvia-se um gemido baixinho e gutural, como o de um animal ferido. Os dedos dela moveram-se e, por instinto, virei-me para escudar o bebé daquela visão.

— Ela apareceu do nada — estava o cocheiro a dizer. — Íamos devagar e ela saltou p'rá nossa frente.

Virei-me e percorri a pequena distância até à casinha do porteiro, que estava destrancada e abandonada. Provavelmente, ele encontrava-se no local do acidente. Lá dentro estava quente, com uma fogueirita numa grelha e uma vela a tremeluzir numa mesinha, posta com um jantar abandonado. Ao encontrar um gibão a mais pendurado num cabide, embrulhei a criança com ele e deixei-a em cima da cadeira, na esperança de que o porteiro compreendesse de quem era o bebé e tivesse pena.

Ao longe, várias janelas no Hospital dos Expostos estavam amarelas, mas a maioria estava preta. Lá dentro, possivelmente nas suas camas, encontravam-se centenas de crianças. Será que sabiam que os pais delas estavam cá fora, a pensar nelas? Será que esperavam que eles fossem buscá-las, ou viveriam felizes com os seus uniformes, refeições quentes, lições e

instrumentos? Será que é possível sentirmos saudades de alguém que não conhecemos? A minha própria filha estava lá dentro, com os dedinhos a agarrarem mero ar. Sentia o coração apertadinho. Conhecia-a há horas, e toda a minha vida. A parteira entregara-ma, escorregadia e ensanguentada, ainda esta manhã, mas a Terra dera uma volta inteira e nada mais voltaria a ser igual.